

# LOS DE ABAJO: A IDENTIDADE CULTURAL NA REVOLUÇÃO MEXICANA

Cristina Ribeiro Villaça\*

*Los de Abajo* de Mariano Azuela é considerado o primeiro romance sobre a Revolução Mexicana. O eixo temático tem suporte na história da Revolução Mexicana de Pancho Villa em 1913. Azuela participou ativamente da Revolução como médico militar villista, o que lhe permitiu escrever “de dentro” da história. O romance passa-se durante a revolução mas Mariano Azuela retoma, ficcionalizando, este episódio histórico. Retratando a vida dos revolucionários através de seus personagens fictícios, Azuela resgata a identidade do povo mexicano. Além da relação primordial do mexicano com a terra, valores e crenças são algumas das questões que afloram ao longo do romance, que tem a Revolução como pano de fundo. A partir do conceito de “identidade cultural” ressaltaremos alguns traços marcantes que caracterizam o povo mexicano.

Consideraremos a identidade cultural como um senso de pertinência que se forma a partir de um eixo múltiplo, na qual a religião, a língua, a classe social e a tradição familiar, entre outros, são alguns dos aspectos que caracterizam todo ser humano, confundindo-se com sua existência. Apesar desse conceito ser moderno, podemos estudar a identidade mexicana em *Los de Abajo*, pois a questão da identidade vem justamente permitir iluminar textos conhecidos por suas categorias tradicionais para que possam ser relidos a partir desse olhar moderno que se tornou a questão da identidade, espaço interdisciplinar propício para o diálogo entre ficção e história.

A Revolução Mexicana transformou-se numa tentativa de reintegração ao passado, passado este formado por uma superposição e um entrecruzar de culturas. A base do latino-americano é a pluriculturalidade causada pelo

---

\* Mestranda em Letras – Teoria da Literatura - UFJF.  
Orientadora: Profª Drª Geysa Silva.

embaralhamento das identidades: ao lado das identidades impostas pelo invasor prolifera toda espécie de identidades mestiças, todas elas fruto de uma recepção fragmentada.

A Revolução vai revolver esse passado e despertar “os múltiplos aspectos da construção do ser mexicano através de sua histórica pluriculturalidade”<sup>1</sup>. A identidade mexicana volta-se para as suas origens. Ao contrário de outros países, o México não é concebido como um futuro a realizar, mas sim como uma volta ao passado indígena. Para o mexicano, a questão primordial que se levanta é a da sua relação com a terra, a qual ressurgue como um dos fatores desencadeadores do movimento revolucionário que se caracteriza pela carência de um sistema ideológico prévio e pela fome de terras. A restituição e a repartição das terras implicam uma transformação do regime de propriedade agrária no México e a revolução transformou-se numa tentativa de reintegração ao passado, “eterno retorno” à terra. A revolução permite ao mexicano penetrar em seu passado, em sua essência para extrair da sua intimidade, das suas entranhas, a sua filiação. As múltiplas identidades mexicanas vão surgir nesse mergulho ao passado. É nessa busca de si mesmo que o mexicano vai recuperar seus valores, crenças e tradições.

A Revolução transforma-se em “uma revolta e uma comunhão, um vir à tona de muitas ferocidades, muitas ternuras e muitas delicadezas ocultas pelo medo de ser”.<sup>2</sup>

Questões como a vida e a morte são essenciais para compreendermos a identidade mexicana e a Revolução o momento propício para aflorá-la. A indiferença do mexicano em relação à morte nutre-se da sua indiferença em relação à vida, visto que a morte está associada à essência desse povo. Seus antepassados indígenas não acreditavam que a sua morte lhes pertencesse e para os astecas a religião e o destino regiam a vida, assim, eles não eram responsáveis por suas ações nem por suas mortes. É desse passado indígena e asteca que vai nascer o mexicano moderno. Em *Los de Abajo*, a morte faz parte da psicologia mexicana, e mata-se por motivos banais e, não raro, mata-se sem motivo. Mariano Azuela busca a definição identitária do mexicano no retorno ao passado, ao fazer emergir os antepassados astecas com seus mitos e crenças, recuperando assim a memória coletiva de seu povo.

A morte anda junto com a vida e ocupa lugar de destaque na Revolução. Matar é a princípio questão de sobrevivência, é o preço da realização dos ideais. Entretanto, à medida que a Revolução evolui, o sentido da morte também se transforma e matar torna-se um capricho, uma distração e os princípios e ideais são substituídos por um desrespeito à vida, que para o mexicano, vale tanto quanto a morte: elas seriam as duas faces de uma mesma moeda.

1 SCHER, Maria Luiza. *Ficção e identidade em Carlos Fuentes*. In: La Chispa'96. Ed. LSU/USA, p.207-213, 1996.

2 PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. Trad. Eliane Zagury. 3º edição Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

O mexicano brinca com a morte, ri dela, dorme com ela, festeja-a. Aliás, a festa é seu único luxo. Em dia de festa, às vezes a alegria acaba em injúrias, brigas, tiros e facadas e, ao contrário do caráter negativo que isto teria em outras sociedades, para o mexicano, também faz parte da festa. A festa é uma revolta, no sentido literal da palavra e o mexicano contempla o horror e a morte com a mesma familiaridade. A morte é vista como um espetáculo que, ao invés de repulsa, causa-lhe admiração, pois, o culto à morte, para o mexicano, é culto à vida. E esse culto vem da profunda religiosidade desse povo. Sua religião, como sua cultura, é uma mistura de novas e antigas crenças. E o gosto pelo que para nós poderia ser chamado crueldade, é para os mexicanos herança dos astecas que praticavam sacrifícios humanos, extraíam corações e praticavam canibalismo.

Assim podemos dizer que *Los de Abajo* contém duplo valor: se, por um lado, temos o caráter testemunhal do romance, visto que Mariano Azuela o escreveu de dentro da Revolução, por outro lado, temos o caráter subjetivo do autor que conta a história através de seus personagens fictícios dando ao fato histórico sua visão pessoal. Assim História e Literatura dialogam e, se para a história, o fato é o mais importante, o romance será o instrumento para que ela se manifeste.

A veracidade da Revolução foi garantida pelo testemunho do autor que dela participou. Entretanto o momento revolucionário foi registrado sob o olhar de Azuela que nele inseriu sua interpretação pessoal dos fatos. Por isto, *Los de Abajo* é mais uma denúncia de uma Revolução frustrada cujos ideais foram podados e corrompidos.

Ao mesmo tempo a Revolução despertou os valores e as tradições, os múltiplos traços da identidade cultural mexicana. Apesar de as raízes étnica e cultural influenciarem na formação da identidade, esta é um processo vivencial e não histórico, quer dizer que o homem pode escolher seus modelos culturais suplementando suas próprias experiências com heranças de seus antepassados. A identidade é sempre um eterno devir, um processo em movimento, eternamente em construção e jamais definitivo.

